

Raízes da autocracia no Brasil e mitologia nacional

CLERISLÂNIA DE ALBUQUERQUE SOUSA

RESENHA: SCHWARCZ, L. M. **Sobre o autoritarismo brasileiro.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

A conjuntura do Brasil, nos últimos anos, fez com que os cidadãos procurassem um entendimento melhor acerca de assuntos que estão inseridos no cotidiano de todos, seja nos noticiários, seja em debates em redes sociais, seja até mesmo em uma conversa entre amigos. Partindo da necessidade de discutir temas significativos e que contemplam o contexto histórico do Brasil, foi lançada, no ano de 2019, a obra intitulada *Sobre o autoritarismo brasileiro*. O livro poderia ser lançado daqui a 5 anos que, mesmo assim, continuaria sendo um livro atual. Tal contemporaneidade, uma de suas particularidades, não é por acaso – o livro trata sobre temas que fizeram parte do passado do nosso país, que perpetuam no nosso presente e que, provavelmente, estarão vigentes no futuro.

Escrito de forma didática, o livro auxilia bastante os leitores que buscam uma visão mais crítica sobre os temas nele tratados e contém inúmeras informações históricas e dados que aprofundam a leitura. O livro da historiadora e antropóloga Doutora Lilia Schwarcz é instigante, inquietante e certamente faz com que o leitor tenha outra percepção sobre questões impactantes e que ainda fazem parte da nossa realidade. Docente do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo e professora visitante em Princeton, as obras de Schwarcz são caracterizadas pela

CLERISLÂNIA DE ALBUQUERQUE SOUSA

Mestre em Planejamento e Políticas Públicas pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e membro da Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP).
E-mail: clerislania@gmail.com

singularidade com que a autora aborda as cicatrizes históricas do nosso país. Dentre os inúmeros títulos de sua autoria, podemos destacar *O Espetáculo das Raças* (1993), *Nem Preto Nem Branco, Muito Pelo Contrário* (2013), *Lima Barreto - Triste Visionário* (2017) e *Dicionário da Escravidão e Liberdade* (2018).

Seu livro mais recente é dividido em oito capítulos, a saber: “Escravidão e racismo”, “Mandonismo”, “Patrimonialismo”, “Corrupção”, “Desigualdade social”, “Violência”, “Raça e gênero” e “Intolerância”. Eles dialogam entre si, o que nos faz refletir sobre como aspectos do passado do nosso país podem ecoar e impactar diretamente a nossa realidade. Também trazem consigo assuntos que direta ou indiretamente provocam no leitor inúmeros questionamentos: o Brasil em que vivo é justo para todos? Quais motivos levam nosso país a ser tão corrupto? Quais os caminhos para acabar com a disparidade social? Tais problemáticas caracterizam somente alguns exemplos possíveis.

O capítulo 1 aborda dois dos temas mais marcantes da história do Brasil: a escravidão e o racismo. O texto traz informações sobre os castigos praticados aos escravos, além de discorrer sobre o interesse dos brancos em preservar a hegemonia sobre os negros e sobre a falsa ideia de que no Brasil a escravidão teria sido “mais branda”. Para a autora, os reflexos da escravidão no Brasil são percebidos mesmo após a abolição da escravatura, o que pode ser ratificado através do racismo existente em nosso país nos dias atuais.

O capítulo 2 apresenta pontos de vista acerca do mandonismo. Tal assunto relaciona-se diretamente com o contexto histórico do nosso país, uma vez que havia o interesse em colonizar grandes extensões de terra e isso seria possível somente se tais espaços fossem cedidos a senhores de terra, que faziam questão de ostentar sua riqueza, seja em fotos com seus escravos, a principal forma de mão de obra, seja mostrando autoridade no que tangia à comunidade local.

No capítulo 3, a autora contempla o patrimonialismo. Em linhas gerais, o patrimonialismo é caracterizado pela linha tênue entre o bem público e a sua utilização para fins particulares. Característica antiga, porém vigente, ela ocasiona o adoecimento da democracia, uma vez que um pequeno grupo social usa o Estado para fins

particulares, enquanto a população continua assistindo a velhas práticas do passado, atravessando de geração em geração.

O capítulo 4 aborda a corrupção, um conteúdo que faz parte da nossa história, através do enriquecimento ilícito e da propina, e do nosso presente. Estamos tão habituados com essa corrupção que, ao vermos notícias de honestidade, o espanto é geral. Sim, somos um país marcado pela corrupção, uma corrupção que atrassa exponencialmente o desenvolvimento do país e que se alastra em inúmeras esferas, passando a sensação de ser uma doença incurável para o Brasil.

Acerca do capítulo 5, Schwarcz disserta brilhantemente sobre um dos maiores abismos existentes no país, a desigualdade social. Essa desigualdade foi herdada do próprio processo de construção do Brasil, o qual carrega suas cicatrizes ainda hoje. O desequilíbrio existente em inúmeros temas é preocupante – a desigualdade no trabalho, de renda, no usufruto da educação, no acesso à saúde e a tantos outros serviços impacta a sociedade de forma generalizada, além de ser um problema de todos.

A violência e seus impactos na população são os assuntos tratados no capítulo 6. A autora traz inúmeras estatísticas e informações acerca do uso de armas de fogo, ao passo que também traz esclarecimentos sobre os bons resultados que o Estatuto do Desarmamento trouxe, ao longo dos anos, apesar do atual governo defender a ideia da facilitação do acesso de armas de fogo para a população.

No capítulo 7, a autora discorre sobre raça e gênero, expondo pesquisas que ratificam as dificuldades enfrentadas por negras e negros, principalmente a discrepância de oportunidades em inúmeros âmbitos, cuja ausência impacta diretamente na sua subsistência. Exemplos podem ser vistos nos obstáculos existentes para a ocupação dos negros no mercado de trabalho. Aliado a isso, o capítulo também elenca aspectos inerentes à própria exclusão social que os negros sofrem. O capítulo também aborda os problemas enfrentados pelas mulheres e, principalmente pelas mulheres negras: a violência sexual e o feminicídio. A autora ressalta também os crimes contra o público LGBTQ. Os grupos de lésbicas, gays, bissexuais,

travestis, transexuais e *queers* ganharam bastante protagonismo nos últimos anos; no entanto, ainda compreendem muitas vítimas da violência.

O capítulo 8 encerra a obra tratando da intolerância. A imagem de um país tolerante ganhou uma nova roupagem com o passar dos anos, o que pode ser contrastado com o aumento da intolerância religiosa, os casos de xenofobia, a intolerância contra a comunidade LGBTTQ e até mesmo os conflitos políticos em pauta. A intolerância também ganhou outro cenário: as redes sociais. Os internautas sentem-se à vontade para expor, em ambiente virtual, a sua verdadeira idiosincrasia.

Os conteúdos abordados na obra de Schwarcz levam o leitor a ter um entendimento mais crítico sobre inúmeros impasses existentes em nosso país. Como podemos observar, muitos deles são resquícios de um passado marcado pelo autoritarismo e pela injustiça. A ideia de pacificidade e igualdade configura apenas uma ilusão; a compreensão dessa ilusão, por sua vez, é o primeiro passo para enxergar que precisamos mudar o futuro.